

Frases siamesas: uma alternativa de abordagem

Isabel Maria Paese PRESSANTO
Samira DALL AGNOL
Universidade de Caxias do Sul

***Resumo:** A utilização de frases siamesas é um fenômeno estrutural com raízes profundas também no aspecto semântico da língua. O ponto de vista sintático tem se revelado insuficiente para a solução do problema, que requer investigações mais aprofundadas no sentido de sugerir formas de conscientização aos usuários da modalidade escrita padrão da língua. Neste artigo apresentamos um panorama do que se entende por frases siamesas, uma explicação possível para o fenômeno e algumas sugestões de tratamento do problema que ultrapassam o limite da estrutura sintática. O trabalho específico com estruturas que apresentem essa tipologia e o contato com textos de qualidade são duas das sugestões apresentadas na tarefa de lidar com frases siamesas, especialmente em sala de aula.*

***Palavras-chave:** frases siamesas; sintaxe; semântica.*

INTRODUÇÃO

Redigir é uma tarefa complexa. Tão complexa que merece atenção constante de professores e alunos. Além de ser uma atividade comunicativa menos utilizada do que a fala, entre a maioria da população, a escrita requer habilidades lingüísticas específicas, bem diferentes das que são usadas em situações de oralidade, quando nos permitimos titular, interromper um enunciado para retomá-lo mais adiante, usar recursos gestuais, faciais, entonacionais, usar o contexto de comunicação, todos como parte constitutiva do que queremos significar.

Na busca pelo aperfeiçoamento das habilidades de produzir textos escritos, algumas atitudes são tomadas periodicamente no contexto escolar, em nível de currículo ou não. Segundo Bazeggio et al. (1985), por exemplo, a disciplina *Técnicas de Redação* foi inserida nos currículos escolares como

forma de suprir algumas necessidades de alunos cujos textos apresentavam deficiências. Para os autores, entretanto, a forma de abordar o problema continuou contemplando atividades em que o aluno é “tratado como mero receptor de normas e técnicas” (Bazeggio et al., 1985, p.171), como alguém que repete essas normas e não pensa sobre elas.

As dificuldades que muitos professores constataam em textos de alunos não parecem advir simplesmente do domínio falho de estruturas lingüísticas, da falta de vocabulário ou do pouco conhecimento sobre o tema a ser abordado. Fazer com que o aluno investigue assuntos para, de posse de algumas informações, poder escrever seu próprio texto não tem se mostrado, quando usado isoladamente, uma solução para problemas de redação. Muito menos, fazê-lo decorar mecanicamente regras gramaticais.

Os problemas com a produção de textos persistem além dos ensinos fundamental e médio e atingem situações que envolvem o ensino superior (produção de artigos para as disciplinas, por exemplo). Foi nesse contexto que, durante os anos de 2002 e 2003, realizou-se, com o apoio da Universidade de Caxias do Sul, da FAPERGS e do CNPq, uma investigação que visava testar as habilidades na leitura de alunos que freqüentavam a disciplina Língua Portuguesa Instrumental, em textos argumentativo e explicativo. Esses alunos, em sua maioria, na época da coleta de dados eram ingressantes em curso universitário.¹ As questões formuladas aos aprendizes, sujeitos dessa pesquisa, exigiam respostas objetivas (de múltipla escolha) ou abertas (construção da idéia através de frases).² No segundo grupo de respostas, chamou-nos a

¹ Essa investigação consiste na pesquisa “Diagnóstico da competência em leitura de alunos de língua portuguesa instrumental da Universidade de Caxias do Sul na interpretação de textos explicativo e argumentativo”.

² Utilizaremos os termos “frase”, “período” e “sentença” como sinônimos de “frase”. Por frase, período ou sentença entende-se todo enunciado que, na escrita, inicia por letra maiúscula e termina por ponto final, de

atenção, ao analisarmos o uso³ da vírgula, a incidência significativa de frases siamesas,⁴ ou seja, estruturas frasais compostas ou complexas que deveriam ser subdivididas em períodos diferentes ou marcadas de forma mais enfática como orações em separado, mas que aparecem como se fossem uma só frase ou uma só oração. No corpus analisado, essas frases apresentaram, em sua maioria, orações com marca de separação entre si, normalmente por meio da vírgula.

Este artigo pretende apresentar um panorama do que se entende por frases siamesas, uma explicação possível para o fenômeno e algumas sugestões com vistas a solucionar este problema característico da variedade escrita da língua. Utilizaremos em nossas análises trechos extraídos de um panfleto publicitário e das respostas produzidas pelos sujeitos da pesquisa aqui mencionada.

FRASES SIAMESAS

Nas frases constituídas por orações siamesas, dois ou mais períodos aparecem escritos como se fossem um só, o que representa um problema em termos da linearidade⁵ de um enunciado, em se tratando de modalidade padrão da língua.

interrogação, de exclamação ou reticências. Neste artigo levam-se em conta apenas as frases verbais.

³ O termo uso aqui faz referência tanto às situações em que a vírgula ocorre como aquelas em que ela é omitida. No primeiro caso, analisaram-se os usos adequados e inadequados e, no segundo caso, foram levadas em conta apenas as omissões indevidas. Considerou-se, nessa análise, como fontes bibliográficas basicamente gramáticas de cunho tradicional.

⁴ Utilizamos este termo conforme Moreno e Guedes (1977), que fazem, em sua obra, um levantamento de possíveis construções frasais problemáticas. Diríamos que essa tipologia frasal assemelha-se à frase labiríntica ou centopéica, assim denominada por Garcia (1996).

⁵ Conceito apresentado na nota 7 deste artigo.

Pode-se observar o fenômeno no seguinte exemplo, extraído de um panfleto publicitário:

(1) [...] aqui você encontra a economia total, venha e comprove, nossos preços não tem comparação com nenhum outro, nós dissemos que se tivesse preço menor nós cobriríamos a proposta, aí está a nossa palavra a você dona de casa, é com maior orgulho nós termos vocês como nossos clientes.

Constata-se no trecho a presença de duas características: (a) a primeira diz respeito à sua proximidade com a modalidade falada, do que decorre a segunda característica; (b) a segunda característica é a permanência num mesmo período de segmentos que deveriam ser separados pela utilização de uma pontuação que marque o término da frase, formando assim outros períodos menores, ou reformulados, acrescentando-se conectores, invertendo-se a posição de orações ou alterando a estrutura das sentenças, conforme cada caso.

É interessante observar que uma passada de olhos pela frase acima não nos permite verificar a presença de siamesas, o que ocorre apenas depois de processarmos os enunciados através da leitura, dando-nos conta, então, dos limites oracionais e frasais, convencionados pela modalidade escrita da língua, mas nem sempre exigidos pela oral.

A não percepção do problema pode ocorrer porque (a) a aparência superficial das frases escritas não deixa transparecer a inadequação estrutural que realmente apresentam; (b) não há, da parte de quem lê, um conhecimento lingüístico suficiente que lhe possibilite essa percepção; (c) somente pelo prisma sintático-semântico é que conseguimos identificar com segurança a presença de siamesas.

Uma alternativa de reescrita da frase contida no panfleto seria a seguinte:

⇒⁶ Aqui você encontra a economia total. Venha e comprove, pois nossos preços não têm comparação com nenhum outro. Nós dissemos que, se tivesse preço menor, nós cobriríamos a proposta, e aí está a nossa palavra a você, dona-de-casa. É com maior orgulho que temos você como nossa cliente.

Para chegar a essas reformulações, necessitamos conhecer estruturação frasal e oracional, e considerar os aspectos semânticos, ou seja, as proposições contidas em cada frase. Há, portanto, alternativas de reconstrução do texto original, que, de qualquer forma, ultrapassam a noção de paragrafação e consideram um segmento menor da estrutura textual: as frases com suas intra e inter-relações. No processo de construção sintático-semântica a que nos submetemos ao elaborar um texto escrito, devemos considerar que a transcrição do oral para o escrito pode interferir na produção de enunciados siameses. É disso basicamente que trataremos na próxima seção.

DA FALA PARA A ESCRITA

A identificação da presença de construções siamesas na modalidade escrita pode advir do processo de *transcrição* a partir da fala. Conforme afirma Marcuschi (2001), devemos considerar a passagem da fala para a escrita uma transcrição em que não fazemos simplesmente a troca do meio sonoro para o gráfico. Essa observação baseia-se, entre outros, no fato de haver peculiaridades tais nas duas modalidades a ponto de não se poder afirmar que a escrita representaria a fala. Além do mais, “norma e sistema não são critérios bons para se distinguir entre o oral e o escrito” (p.68). Não se pode afirmar, portanto, que a escrita é normativa e a fala, não: “(...) assim como a fala não apresenta propriedades intrínsecas

⁶ Este símbolo indica sugestão de ajuste da frase original.

negativas, também a escrita não tem propriedades intrínsecas privilegiadas” (p.35). O que ocorre é que ambas são modalidades distintas de um mesmo idioma e que a escrita está “pautada pelo padrão” (p.36), entendendo-se como *padrão* as regras ditadas pelas gramáticas normativas.

No escopo do que se considera padrão, está a organização da informação num *continuum* específico. “Redigir um texto é, antes de qualquer coisa, um processo de linearização dos signos lingüísticos globalizados que estão no pensamento e, para tanto, é preciso identificá-los, ter consciência deles” (Bazeggio et al., 1985, p.172). O problema é que essa linearização na *escrita* é diferente daquela verificada na *fala*, devido às diferenças estruturais características de cada modalidade, ou seja, ambas diferem pelo modo como os elementos estruturais são organizados (Fávero et al., 2002). Daí constata-se que, quando se trata de oralidade, não se menciona o fenômeno das siamesas, porque o fluxo da fala é permeado de entonações, que se encarregam de marcar as pausas e as separações. E é comum não se obedecer à linearidade⁷ da modalidade padrão. Um exemplo característico são as construções resultantes de hesitações, que provocam repetições ou interrupções abruptas na seqüência sintática e que, na transposição para a escrita, passariam por reestruturação.

A passagem da modalidade falada para a escrita, com a consciência de todas as diferenças entre ambas, parece ser fundamental na tarefa de produzir bons textos. O que ocorre é que a consciência dessa diferença muitas vezes mostra-se difusa. Um dos aspectos que deveria ser levado em conta nas atividades com produção textual é o fato de que a “escrita, enquanto conjunto de sinais gráficos ordenados em linha, da

⁷ Segundo Crystal (1988), linearidade diz respeito à “representação característica da língua como seqüência unidirecional de elementos ou regras” (p.159), entendendo-se por seqüência a “sucessão observável de unidades em um enunciado ou texto” (p.236).

esquerda para a direita, é estritamente linear” (Bazeggio et al., 1985, p.172). Em outros termos, uma frase escrita tem, entre suas características, uma configuração sintática que, segundo o que se convencionou, deve observar as estruturas frasais padrão da língua. A essa configuração chamaremos linearidade da escrita. Tanto a fala quanto a escrita apresentam linearidade, mas em cada uma dessas modalidades ela pode se manifestar de forma diferenciada. Como se comporta a frase na modalidade escrita da língua e por que ela não pode ser uma simples reprodução da forma oral é o que veremos a seguir.

A FRASE

Conforme Fávero et al. (2002, p.25), a compreensão de um texto, seja ele escrito ou oral, não depende apenas do conteúdo semântico, mas da “percepção das marcas de seu processo de produção”. As autoras ressaltam a arquitetura em parágrafos como uma das unidades determinantes da boa construção do texto escrito. Consideramos, no entanto, que essa unidade não pode ser a única responsável pela boa estruturação textual, pois para o problema que estamos estudando ela não serve como suporte. Analisemos, então, a estrutura em que ocorre mais pontualmente o fenômeno aqui analisado: a frase.

Um dos problemas enfrentados ao tratar das siamesas reside na definição ou caracterização do que vem a ser *frase*. As abordagens tradicionais são insatisfatórias, pois baseiam-se em noções abstratas ou calcadas essencialmente na estrutura sintática. Como podemos, então, a partir desse conceito, desenvolver no aprendiz a habilidade de construir frases que não contenham construções siamesas?

Definir frase, por exemplo, como “um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação” (Cunha e Cintra, 2001, p.119) ou como “todo enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação” (Garcia, 1996,

p.6) não garante que possamos mostrar ao aprendiz como essas noções nos levam a identificar e evitar construções siamesas. Não é unicamente nas noções vagas de *unidade de comunicação* ou de *completude de significação* que podemos definir frase satisfatoriamente.

Garcia (1996), por sua vez, quando se refere ao tipo de construção frasal aqui abordado (que chama de *frases labirínticas* ou *centopéicas*), lança mão de exemplos extraídos de Érico Veríssimo, Vieira e outros autores, e justifica suas críticas, afirmando que tais construções são “confusas” (p.112). Alega ainda que “é preciso ler e reler o trecho para lhe alcançar o sentido” (p.112). A crítica de Garcia, no entanto, mantém-se no nível estilístico: é uma questão de escolha do modo como se escreve. Os exemplos por ele mencionados não representam, então, a rigor, problemas de construção frasal. São apenas alternativas derivadas do estilo dos autores. Essas construções podem ser mantidas na forma original, o que não ocorre com os extratos por nós selecionados.

Voltando à tentativa de definir nosso objeto de análise, encontramos em Houaiss et al. (2001, p.1387) que a frase é entendida como uma “construção que encerra um sentido completo, podendo ser formada por uma ou mais palavras, com verbo ou sem ele, ou por uma ou mais orações, podendo ser afirmativa, negativa, interrogativa, exclamativa ou imperativa, o que, na fala, é expresso por entonação típica e, na escrita, pelos sinais de pontuação”. Mas persiste aqui o problema de vaguidade, principalmente no que diz respeito a *sentido completo*.

Lyons (1980) afirma que uma frase pode ser identificada de forma mais ou menos clara pelas convenções de pontuação tradicional e pela utilização de letras maiúsculas. Ao apresentar a concepção de frase, ele aponta para o fato de haver uma noção abstrata do que vem a ser frase (frase de sistema), que pode se realizar (frases de texto) de várias formas. Segundo ele, “as frases de sistema nunca ocorrem como produtos do comportamento lingüístico comum” (p.33),

mas suas representações “podem ser usadas nas discussões metalingüísticas sobre a estrutura e as funções da língua” (p.33). E, ainda conforme ele, as *frases de sistema* podem servir de base para descrições gramaticais. No entanto, a concepção de frase bem construída que defendemos não pode se limitar ao aspecto semântico ou ao sistêmico, mas enfoca a convergência entre ambos na construção do enunciado, ou seja, do *produto do comportamento lingüístico*.

O PONTO DE VISTA SINTÁTICO

De acordo com Bakhtin (1997), os problemas sintáticos são de extrema relevância para a compreensão da língua e de sua evolução, pois, de todas as formas da língua, as sintáticas são mais concretas do que as morfológicas ou fonéticas e estão mais próximas às condições reais de fala.

Quando se fala em sintaxe frasal, por exemplo, reportamos às estruturas de construção dos enunciados baseadas em concepções como sujeito, predicado, oração,⁸ período (Cunha e Cintra, 1985). Dessa forma, podemos facilmente constatar que, sob o ponto de vista sintático, entre as orações assindéticas é que aparecem com mais frequência as siamesas, pois ambas se confundem estruturalmente: nas duas situações, podemos ter dois (ou mais) segmentos oracionais, lineares em sua constituição interna e, aparentemente, também em sua relação recíproca, separados unicamente por vírgula.

Analisemos agora as estruturas frasais produzidas pelos aprendizes envolvidos na pesquisa, em que se constata a presença de coordenação assindética:

⁸ Entende-se por oração toda frase ou segmento de frase constituído pela presença de um verbo ou locução verbal.

(2) “⁹Nos diz o que é o Pantanal}, {fala de sua fauna e biodiversidade} (...)”

(3) “{O Pantanal é a maior planície alagável da Terra}, {é o habitat que interliga os grandes ecossistemas brasileiros} (...)”

(4) “Porque abriga várias espécies raras, {a natureza ainda não foi explorada}, {tem muita mata virgem}.”

Pode-se manter, conforme o original, a configuração de coordenação assindética entre as duas orações das frases (2) e (3), devido à presença dos mesmos *sujeitos sintáticos*. Já na frase (4), o que garantiria a permanência das três orações num mesmo período é o fato de haver a causal como ponto comum às coordenadas (conforme mostra o quadro a seguir). Mas a manutenção dessas coordenadas numa mesma sentença é relativa, pois a presença de sujeitos diferentes em cada uma relativiza o paralelismo que elas possam apresentar, possibilitando a separação das duas em frases distintas.

Vejamos como essas relações podem ser representadas, observando os quadros a seguir:

(Sujeito X)	nos diz o que é o Pantanal
	fala de sua fauna e biodiversidade
O Pantanal	é a maior planície alagável da Terra
	é o habitat que interliga os grandes ecossistemas brasileiros
Porque abriga várias espécies raras	a natureza ainda não foi explorada tem muita mata virgem

Quadro 1

⁹ O uso de chaves denota a presença (pelo menos aparente) de coordenação entre as orações.

Situação	Dúvida
1. O sujeito escreve frases siamesas.	Ele tem consciência de que poderia ter formado duas frases distintas ou inserido um elemento “separador” entre as duas orações, observando, assim, da forma mais adequada possível os conteúdos proposicionais e as estruturas sintáticas que os superficializam?
2. O sujeito escreve frases siamesas e demonstra ter consciência de que o fez.	Por que essa consciência não se manifesta na escrita através do uso de elementos “separadores” entre as orações ou pela formação de frases distintas?
3. O sujeito escreve frases siamesas, mas não demonstra ter consciência de que o fez.	Como ele pode chegar a formar essa consciência?
4. O sujeito tem bom conhecimento sobre a estrutura sintática de orações ou frases, que é a informação básica encontrada nos manuais que tratam do problema aqui analisado.	Esse conhecimento sobre estrutura sintática de orações ou de frases é suficiente para corrigir essa inadequação? Que outros conhecimentos o sujeito precisa desenvolver?

Quadro 2

A confusão entre siamesas e assindéticas também pode ser verificada no trecho extraído do panfleto contido na seção Frases Siamesas deste artigo. O que nos garante que as três primeiras orações desse trecho não devem pertencer ao mesmo período, separadas unicamente por vírgula ou por dois-pontos? Conforme a definição tradicional de coordenação, as

três são sintaticamente independentes entre si¹⁰ e, sendo assindéticas, omitem acertadamente um elemento “separador”¹¹ na forma de conjunção. O que justifica, então, a identificação de uma estrutura siamesa? Observemos que, entre essas três orações, existe em comum o sujeito “você”, o que garantiria, por paralelismo sintático, sua permanência num mesmo período. Como já afirmamos, uma das pistas possíveis da presença de coordenação assindética é o paralelismo sintático que existe entre as orações constituintes, manifestado muitas vezes pela existência de algum componente sintático comum às orações que formam o conjunto. Entre a terceira e a quarta, por exemplo, não há nenhum indício de paralelismo sintático que garanta essa permanência. O mesmo ocorre entre a quarta e a quinta. A ausência desse paralelismo pode, neste caso, ser a causa de não se aceitar que esses últimos segmentos oracionais venham a constituir um período único.¹²

Note-se que “*aqui você encontra a economia total*” apresenta-se na forma de afirmação, enquanto que o bloco oracional seguinte “*venha e comprove*” contém duas orações no imperativo. Essa também constitui uma quebra de paralelismo, o que justificaria neste caso a separação do período em dois:

⇒ *Aqui você encontra a economia total. Venha e comprove.*

Em se tratando de orações siamesas, como vimos, a manutenção dos segmentos oracionais numa única frase (a) ou não subsiste pela ausência de qualquer paralelismo sintático, (b) ou subsiste pela presença de alguma espécie de

¹⁰ Na verdade, o que encontramos na maioria das caracterizações mais tradicionais é uma concepção errônea da independência presente entre orações coordenadas: ocorre a mescla dos critérios sintático e semântico, sem a devida ênfase na diferença entre ambos.

¹¹ Preferimos aqui utilizar a idéia de separação e não de conexão, devido à abordagem proposta. Tanto os conetivos como os sinais de pontuação intrafrasais serão tratados neste artigo como “separadores”.

¹² É claro que a inexistência de coordenação não impede que as orações permaneçam num mesmo período, desde que sejam utilizados os nexos adequados. Essa possibilidade será analisada na seqüência.

paralelismo sintático. Ao optarmos¹³ pela *não subsistência das orações num mesmo período*, entrecortamos a primitiva frase composta, formando, assim, frases independentes sob o ponto de vista sintático.

Se houver a possibilidade de *manutenção do período composto*, teremos duas alternativas: (a) utilizar uma pontuação que não seja a vírgula (dois-pontos ou ponto-e-vírgula, por exemplo, podem ser opções interessantes); (b) optar pelo uso de algum conector (coordenativo ou subordinativo) que enfatize o propósito comunicativo do enunciado (o que pode ou não provocar alterações de outra espécie na constituição da frase).

Embora o domínio da habilidade de construção sintática da frase na modalidade escrita seja relativamente complexo, devido, entre outros motivos, à pouca familiaridade com os procedimentos que o envolvem, acreditamos que não resida apenas nele a causa nem a solução do problema com construções siamesas. É o que abordaremos a seguir, ao tratarmos da constituição dos enunciados sob o prisma semântico.

O PONTO DE VISTA SEMÂNTICO

Segundo Bakhtin (1997), as categorias lingüísticas conhecidas atualmente (categorias gramaticais) não conseguem dar conta do fenômeno discursivo, pois têm em vista as partes (morfologia, fonologia, sintaxe,...) e não o todo, o discurso. Elas são aplicáveis quando considerado o interior da enunciação, mas, quando se trata de definir o todo, deixam de ser úteis. “As categorias da língua puxam-nos obstinadamente da enunciação e de sua estrutura para o sistema abstrato da língua” (p.141).

¹³ Em algumas situações, a separação em períodos distintos ou a manutenção num só é opcional.

Essas categorias lingüísticas não apresentam limitações apenas na análise da enunciação como um todo, mas até no nível das unidades menores que a formam, como o parágrafo. Conforme Bakhtin, não há contribuição alguma em dizer que um parágrafo é formado pela expressão de um pensamento completo. O que não é contemplado, nessa definição, é o ponto de vista da linguagem, uma vez que o conceito de “pensamento completo” não pode ser aceito como uma definição lingüística. “Se é verdade (...) que as definições lingüísticas não podem ser completamente divorciadas das definições ideológicas, também elas não podem ser usadas para substituir uma à outra” (p.141).

Bakhtin (1997) afirma ainda que a língua, enquanto um sistema de formas que remetem a uma norma, é simplesmente abstrata, só podendo ser efetivamente demonstrada “no plano teórico e prático do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino” (p.108). Esse sistema não serve de base sozinho para a compreensão e explicação dos fatos lingüísticos enquanto fatos vivos e em evolução; pelo contrário, acaba nos distanciando da realidade dinâmica da língua e de suas funções sociais. Sem a pretensão neste momento de levar nossa análise para o aspecto mais pragmático enfocado nessa visão, queremos aproveitar dela o que se refere ao caráter diversificado e dinâmico da língua.

Desde o início desta análise, temos dito que não nos parece salutar focar um fenômeno da língua (em específico, no nosso caso, as frases siamesas) apenas de um ângulo e defendemos que tanto a sintaxe quanto a semântica podem, juntas, auxiliar a entender o problema e a propor uma possível solução. Levamos em conta, na seção anterior, o aspecto sintático envolto na concepção de frase e iremos nos debruçar agora sobre o semântico, para entender como se comportam as frases e como o professor pode explorar esse fator no seu trabalho com a língua escrita.

Começemos por mencionar como Leech (1981, p.79) diferencia proposição e sentença. Segundo ele, as sentenças

são unidades sintáticas, enquanto as proposições representam unidades semânticas. São duas faces de uma mesma moeda. Com base nessa linha de raciocínio, podemos afirmar que

(a) ao tentarmos expressar uma idéia, temos em mente uma proposição;

(b) quando nos manifestamos, colocamos na forma de sentenças (estruturas sintáticas) as proposições (idéias) que temos na mente;

(c) nem sempre essas proposições se superficializam na oralidade da forma linear prevista na construção de uma frase escrita. São concepções diferentes de linearidade. Nessa transposição é que podem, então, ocorrer os problemas que aqui discutimos.

A questão é que a construção linear da modalidade escrita contribui e é necessária para o estabelecimento mais preciso de significações, ou seja, o aspecto sintático da língua auxilia a construção de significados, enquanto que na oralidade esse tipo de linearidade não é necessário para a construção de sentidos.

Segundo Leech (1981), as proposições, ou conteúdos proposicionais, representam os significados expressos por frases declarativas. Optemos, no entanto, como o próprio Leech o faz, por uma expansão desse conceito tradicional da semântica e consideremos que não só as frases declarativas apresentam conteúdo proposicional, que esse conteúdo existe também em ordens e questionamentos. Além do mais, o conteúdo proposicional de um único enunciado pode vir expresso através de uma só ou de várias proposições.

No seguinte exemplo, podemos identificar, numa mesma frase, diversas proposições:

O carro branco de Adão custou muito caro.

P1: O carro é de Adão.

P2: O carro é branco.

P3: O carro custou muito caro.

Já na frase *Adão comprou o carro* identificamos uma única proposição.

Toda frase, então, apresenta um conjunto de proposições, uma ou mais. Dessa forma, além da estrutura sintática, existe um conteúdo proposicional a ser considerado, um significado, que se mantém inclusive se alterarmos essa estrutura sintática. Esse último caso, acontece, por exemplo, na relação entre estruturas passivas e ativas, em que, embora as frases sejam diferentes em sua superfície (e o são também sob o ponto de vista pragmático), o conteúdo proposicional mantém-se o mesmo. Isso prova que a diversidade na forma não necessariamente implica a variabilidade na significação. Essa idéia apóia o fato já mencionado de que, ao reformularmos uma estrutura siamesa para dar-lhe outra configuração, podemos fazer alterações estruturais que não interfiram em seu conteúdo semântico.

No caso de mantermos, num mesmo período, o conjunto oracional apresentado, consideram-se as proposições individuais das orações e o contexto semântico que as aproxima, liderado pela idéia que os une.

Sem dúvida, a escolha de um conector adequado funciona como elemento coesivo importante para manter a linearidade da frase e do texto. Nessa situação, o conteúdo proposicional individual deve ficar inalterado, e garante-se, com a transformação, a linearidade aceitável pelos parâmetros da variedade escrita.

A vantagem de se considerar o conteúdo proposicional na reconstrução é que ele poderá ser determinante na hora de se decidir pela divisão ou não do período original. A presença de algumas relações de sentido entre as proposições pode representar um fator decisivo no processo de manutenção das orações numa única frase ou não. Essa idéia será demonstrada no item seguinte.

COMO LIDAR COM FRASES SIAMESAS

Levando em consideração que (a) a frase é uma *composição sintática* que apresenta *conteúdos proposicionais* em relação; (b) esses conteúdos proposicionais devem ser observados no estabelecimento da configuração dos períodos; (c) o problema de construções siamesas é identificado em situações de escrita; (d) quanto maior a conscientização sobre a maneira como as frases se estruturam menor a chance de serem superficializadas na forma de construções siamesas, devemos ter em mente no mínimo os seguintes questionamentos, ao nos depararmos com a ocorrência de frases siamesas:

Considerando que uma frase é uma composição sintática que apresenta um conteúdo proposicional, que critérios devemos adotar para considerá-la bem formada na modalidade escrita? Como podemos afinal, através das noções sintáticas e semânticas de que dispomos, evitar a superficialização anômala de construções como as siamesas? Primeiramente, vejamos que caminhos alguns dos autores consultados sugerem para responder a essas dúvidas.

A análise de Moreno e Guedes (1997) limita-se à descrição de alguns casos de siamesas e às sugestões de ajuste anteriormente apontadas, com base na noção de padrões frasais. Segundo os autores, esse problema de construção frasal deve-se à “incapacidade de determinar o que seja exatamente uma frase completa” (p.76), considerando-se, neste caso, a frase como conjunto sintático. Em outra seção da mesma obra, ao tratarem de pontuação, eles apresentam o que intitulam “padrões frasais”, ou seja, baseados nas noções de sujeito e predicado, listam sete formas de estruturar o período simples. É nesses padrões que eles encontram um suporte para identificar uma frase completa. Mais adiante, os autores estudam o que chamam de “combinação de frases simples”, apresentando os dois grupos tradicionalmente estudados e previstos pela NGB: o das *frases compostas* (forma-

das pelo processo de coordenação) e o das *complexas* (constituídas por subordinação).

Moreno e Guedes (1977, p.76) ainda mencionam alguns exemplos de frases siamesas e sugerem formas de corrigir esse problema de construção, todas de cunho basicamente sintático. Voltando ao exemplo extraído do panfleto, uma solução seria transformar a estrutura em verdadeiro período composto, pelo acréscimo de um separador adequado: conjunção e/ou uma pontuação (ponto final, vírgula, ponto-e-vírgula), conforme o que acontece nas sugestões (b) e (c) abaixo; outra alternativa, como o que ocorre na sugestão (a), seria optar por um estilo de frases mais curtas.

- (a) Aqui você encontra a economia total. Venha e comprove.
- (b) Venha e comprove: nossos preços não têm comparação com nenhum outro.
- (c) Venha e comprove que nossos preços não têm comparação com nenhum outro.

Padrões frasais não compostos também aparecem em Carrol (1994, p.25), que apresenta a constituição da frase dividida em sintagma nominal e sintagma verbal. O autor cita oito possibilidades de estruturas frasais, a partir da concepção de sintagmas.

As gramáticas tradicionais consultadas, dentre elas a de Cunha e Cintra (1985), embora não tratem do problema diretamente, servem de suporte teórico para o trabalho estrutural de identificação de estruturas frasais padrão. Com base nelas, pode-se fazer um estudo morfossintático da constituição dos períodos simples ou compostos, estudando suas características e as formas de combinação de estruturas para a formação sintaticamente aceitável de enunciados.

Mas a dúvida básica persiste: será o conhecimento de estruturas frasais simples ou complexas condição suficiente para resolver o problema da construção siamesa? Nenhum dos autores que tratam do problema das siamesas opta por

mesclar o ponto de vista sintático ao semântico.

A consideração das proposições em termos das relações *semânticas*, tais como disjunção, condicionalidade, causalidade, ou discursivas, tais como *conjunção*, explicação, conclusão (Fávero, 1987; Fávero, 1993), e em termos de sua superficialização, com o auxílio de operadores do tipo lógico, que auxiliam a estabelecer, de forma mais consistente, essas relações, precisa estar na pauta do trabalho com elaboração de textos. Deve-se estabelecer como regra que, em havendo possibilidade/necessidade de expressar essas relações, isso seja feito por meio dos operadores numa única frase, o que nos conduz a um trabalho com os aspectos de coesão textual.

É claro que uma frase tem relação com a outra, ou não se estaria falando de texto, mas as relações podem estar entrecortadas por qualquer um dos marcadores de finalização de frase ou enfatizadas e melhor construídas, na modalidade escrita, pelo uso de operadores, optando-se pela constituição sintática na forma de frase única.

Em última análise, embora o domínio da habilidade de construção frasal na modalidade escrita seja, sob o ponto de vista sintático, relativamente complexo, talvez não deva residir nele o enfoque maior dos estudos relativos às construções siamesas. Deve-se levar em conta, na análise da constituição dos enunciados siameses, não apenas o prisma sintático, mas também o ponto de vista semântico.

Conforme vimos no item *O ponto de vista sintático*, há possibilidades de reconstrução da estrutura que apresenta as siamesas. A seguir apontamos alguns exemplos de como esse processo pode funcionar.

Ao constatarmos que não se sustenta a *subsistência das orações num mesmo período*, entrecortamos a primitiva frase composta, formando, assim, frases independentes sob o ponto de vista sintático, situação que ocorre no seguinte exemplo, extraído da pesquisa aqui mencionada:

(5) “As professoras exigem pouco destes alunos, [¹⁴ deveriam exigir a leitura de no mínimo 2 livros por bimestre].”
As professoras exigem pouco destes alunos. Deveriam exigir a leitura de no mínimo 2 livros por bimestre.

Embora haja aqui o paralelismo sintático, a separação em frases distintas é possível. Isso ocorre por uma questão semântica: na primeira oração afirma-se o que acontece e na segunda, o que deveria acontecer.

No caso a seguir, utilizamos uma pontuação diferente da vírgula, comprovando a possibilidade de manutenção da antiga estrutura siamesa numa única frase:

(6) “Regular, porque na minha opinião existem professores bons e ruins, [uns se preocupam em fazer trabalhos envolvendo leitura e outros não].”
Regular, porque, na minha opinião, existem professores bons e ruins: uns se preocupam em fazer trabalhos envolvendo leitura e outros não.

Em (7), ocorre a opção pelo uso de um conector para, na manutenção num mesmo período, estabelecer-se o elo explícito entre as orações que o compõem:

(7) “Na minha opinião está no caminho de melhorar [a consciência (sic) da importância da leitura é bem presente nas cabeças dos professores e alunos].”
Na minha opinião, está no caminho de melhorar, pois a consciência (sic) da importância da leitura é bem presente nas cabeças dos professores e alunos.

No exemplo (8) podem ocorrer situações ou opções diversas:

¹⁴ Este símbolo indica a possibilidade de a oração formar período independente.

(8) “O Pantanal é muito frágil, [todo cuidado é pouco].”

Podemos sugerir as seguintes possibilidades de reformulação:

Porque o Pantanal é muito frágil, todo o cuidado é pouco.

O Pantanal é muito frágil, por isso todo o cuidado é pouco.

Sendo o Pantanal muito frágil, todo o cuidado é pouco.

O Pantanal é muito frágil. Todo o cuidado é pouco.

O que propicia que separemos em duas frases o original é que, embora seja mantido o mesmo tópico em todo o trecho (*a fragilidade do Pantanal*) e o elo semântico (idéia de causa) permaneça, ocorre a falta de paralelismo sintático (os sujeitos das orações são diferentes).

O segmento

(9) “Regular, porque na minha opinião existem professores bons e ruins, [uns se preocupam em fazer trabalhos envolvendo leitura e outros não].”

pode ser reconstruído da seguinte forma:

Regular, porque, na minha opinião, existem professores bons e ruins. Enquanto uns se preocupam em fazer trabalhos envolvendo leitura, outros, não.

Garante-se, assim, a idéia interna de comparação entre as duas orações finais. Esse segundo período contém, por outro lado, uma exemplificação do que foi afirmado no anterior. Dessa forma, outras construções poderiam ser aceitas:

Regular, porque na minha opinião existem professores bons e ruins: uns se preocupam em fazer trabalhos envolvendo leitura, outros, não.

Regular. Na minha opinião existem professores bons e ruins, pois uns se preocupam em fazer trabalhos envolvendo leitura, outros, não.

Regular, porque na minha opinião existem professores bons e ruins, ou seja, enquanto uns se preocupam em fazer trabalhos envolvendo leitura, outros, não.

Resguarda-se em todos os casos a presença da mesma proposição central presente no período original: *existem professores bons e ruins*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de frases siamesas é um problema estrutural com raízes profundas também na questão semântica. A ineficácia de se considerar simplesmente a estrutura sintática, como suporte para a compreensão e conseqüente solução do problema, mostra que providências complementares devem ser tomadas pelo professor. Ao aprendiz que produz estruturas siamesas provavelmente deverá ser propiciado o contato com atividades que lhe despertem a consciência acerca de como se constrói sintaticamente um enunciado e de como e em que medida essa construção influencia as significações daquilo que foi produzido. Exercícios como os propostos neste artigo, em que se analisam possibilidades de estruturação a partir das proposições enunciativas, podem constituir uma das estratégias de abordagem e solução do problema.

Se não for realizado um trabalho que enfoque a constituição da frase como um todo sintático-semântico, qualquer iniciativa no sentido de conscientizar o aprendiz sobre a forma de produzir estruturas frasais resultará improdutiva porque incompleta.

Além de uma abordagem mais pontual, em que o aluno analisa o texto que produz e exercita algumas estruturas de acordo com os padrões normalmente aceitos, deve ser a ele proporcionado o contato com outros textos. Para Fávero et al

(2002, p.83), “A aplicação de atividades de observação que envolvem a organização de textos falados e escritos permite que os alunos cheguem à percepção de como efetivamente se realizam, se constroem e se formulam esses textos”. É importante observar e analisar criticamente o que se lê e se produz, levando em consideração os padrões da modalidade escrita da língua, sem o intuito de estigmatizá-los, mas de considerar neles a contribuição que trazem para a boa construção textual. Como atividade de observação, com caráter indireto, é válido oportunizar situações de contato com diversos materiais de leitura, tanto na forma de textos referenciais quanto literários, visando ao desenvolvimento e ao aprimoramento de habilidades referentes à utilização da língua escrita. Quanto maior for o contato do leitor/escritor com textos de qualidade, maiores serão as chances de serem produzidos textos adequados à língua escrita padrão, minimizando, assim, a ocorrência de frases siamesas. E, complementemos, o contato com boa leitura abrirá um caminho para a percepção da microestrutura textual, das relações intra e interfrasais, das significações globais e pontuais, enfim, para a formação de um melhor leitor e produtor de textos.

O presente artigo representa uma parcela do muito que deve ser estudado para se chegar a conclusões mais definitivas, mas esperamos com ele ter contribuído para discussões posteriores e para o apontamento de alternativas que levem à superação desse que é um problema tão comum na construção de textos escritos: a presença de orações siamesas. Como o assunto abordado não se esgota apenas naquilo que aqui foi proposto, acredita-se que a sugestão dessa ampliação do olhar lançado sobre estruturas siamesas possa abrir outras perspectivas de reflexão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V.N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8.ed. Trad. Michel Lahud, Yara F. Vieira, Lúcia T. Wisnik e Carlos H.D.C. Cruz. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAZEGGIO, L.M.; CORREA, R.M.; OLIVEIRA, C.C. de. O trinômio linguagem/pensamento/redação – algumas considerações. In: LEITE, C.C.P.; FÁVERO, L.L.; SILVEIRA, R.C.P. *Sintaxe-semântica: base para gramática de texto*. São Paulo: Cortez, 1985. (Série gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, 10).

CARROL, D. W. *Psychology of language*. 2.ed. Pacific Grove: Brooks/Cole, 1994.

CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, L.L. O processo de coordenação e subordinação: uma proposta de revisão. In: KIRST, M.H.B.; CLEMENTE, E. (Org.). *Lingüística aplicada ao ensino de português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *Coesão e coerência textuais*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1993. (Série Princípios, 206).

_____; ANDRADE, M.L.C.V.; AQUINO, Z.G. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GARCIA, O.M. *Comunicação em prosa moderna*. 17.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F.M. de M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEECH, G. *Semantics: the study of meaning*. 2.ed. Harmondsworth: Pelican Books, 1981.

LYONS, J. *Semântica I*. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1980.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MORENO, C.; GUEDES, P.C. *Curso básico de redação*. Porto Alegre: Audipel, 1977.

[Recebido em março de 2006
e aceito para publicação em março de 2007]

Title: *Comma splice: an alternative approach*

Abstract: *Comma splice (twin clauses) is a structural problem with deep roots in the semantic aspect of language. An approach which considers only the syntactic point of view leaves the question open for further investigation dealing with users' consciousness of the written modality of the language. In this article we present a view about what is understood by comma splice (twin clauses), a possible explanation for the phenomenon and some suggestions on how to treat the problem, going beyond the limits of the syntactic structure.*

Keywords: *comma splice (twin clauses); syntax; semantics.*

